Revista Brasileira de Gestão e Inovação – ***Brazilian Journal of Management & Innovation***
v.3, n.2, Janeiro/Abril – 2016
ISSN: 2319-0639
http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/RBGI/index

Modelo Conceitual da Confiança e do Comprometimento como Bases de Sustentação e Desenvolvimento das Redes de Cooperativas

Conceptual Model of Trust and Commitment as Support Bases and Development of Cooperative Networks

Saturnina Alves da Silva Martins[*] – Universidade Paulista sasmartins@hotmail.com
Claudia Rosa de Moura Velozo – Universidade Paulista - coord.claudiavelozo@gmail.com
Ernesto Michelangelo Giglio – Univeridade Paulista - ernesto.giglio@gmail.com

Resumo

O artigo apresenta e defende um modelo conceitual de relações sociais de confiança e comprometimento como sendo as bases do equilíbrio e desenvolvimento das redes de atores que participam de cooperativas. Define-se equilíbrio como a existência de acordos e regras que orientam o comportamento dos atores; e define-se o desenvolvimento como relacionado aos resultados coletivos, tais como solução de conflitos. Como teoria de base utilizam-se os argumentos da perspectiva social de redes, na sua afirmativa de um fundo social que orienta a dinâmica de uma rede; e os argumentos da perspectiva da sociedade em rede, na sua afirmativa sobre o novo formato em rede da sociedade. O modelo estabelece uma integração de categorias que raramente é encontrada na literatura brasileira. O trabalho se caracteriza por ser um ensaio teórico, buscando contribuir para o estudo das ações cooperativistas, que se caracterizam por objetivos sociais não lucrativos e, ao mesmo tempo, com as organizações participantes necessitando agir de forma competitiva no mercado. Esse duplo objetivo coletivo torna o tema das redes cooperativistas interessante para o desenvolvimento de teorias e de modelos, como o apresentado neste ensaio teórico. Além desse benefício teórico, o trabalho também contribui apresentando um quadro orientador sobre as definições operacionais das categorias e os indicadores que servem para a construção de instrumentos de pesquisa.

Palavras Chave: Confiança, Comprometimento, Redes de Cooperativas.

Abstract

The article presents and defends a conceptual model of social relations of trust and commitment as balance bases and development of networks of actors who participate in cooperatives. The balance means the existence of agreements and rules that guide the behavior of the actors; and the development relates to the collective results, such as conflict resolution. The arguments of social network perspective are used as based theory, in its statement of a social background that guides the dynamics of a network; and arguments from the perspective of the network society, in its statement about the new

[*] Autora correspondente.

format in network society. The model establishes an integration that is rarely found yet in Brazilian literature. The work is characterized as an theoretical essay, seeking to contribute to the study of cooperative actions, which are characterized by non-profit social objectives and at the same time, it has the need to act competitively in the market. This dual collective goal makes the issue of cooperative networks good examples to the development of theories and models, as presented in this essay. In addition to this theoretical benefit, the work also contributes setting a guiding framework on operational definitions of the categories and indicators that serve to build research instruments.

Key Words: Trust, Commitment, Networks Cooperatives.

Recebido: Setembro/2015
Aprovado: Novembro/2015

1. Introdução

As afirmativas sobre cooperativismo aparecem em trabalhos de Ciências Sociais conforme citado por Malinowski (1978); Radcliffe Brown (1980) e Boas (2009), cuja convergência é o conceito de dádiva, isto é, as práticas de dar, receber e trocar, conforme definidas por Mauss (2003). Em outras palavras, cooperativismo significa colocar os objetivos coletivos como mais importantes que os objetivos particulares, o que se torna possível com o comprometimento e a confiança entre os atores. No campo de negócios, o cooperativismo se manifesta como um modo alternativo de produção e distribuição de bens (diferente da competição isolada), por exemplo, no campo da economia solidária (Mance, 2001).

Esta dupla função das redes de ações cooperativistas, isto é, seu objetivo social e a necessidade de agir conforme modelos de sobrevivência e competição no mercado; coloca o tema do cooperativismo como singular no estudo de redes. Tal tema se distingue do campo específico das redes de negócios e também do campo das redes sociais, mas investigação bibliográfica prévia dos autores indicou que essa característica singular é pouco investigada.

Essa lacuna de investigação originou os esforços dos autores em apresentar o modelo fundado em relações sociais, adicionando-se as variáveis de organização e eficiência no alcance de objetivos do grupo, tanto os sociais, quanto os comerciais.

O ensaio apresenta um modelo conceitual que coloca a imersão relacional, especialmente as relações de confiança e comprometimento, como bases de equilíbrio e desenvolvimento das redes de ações cooperativistas. Apresentam-se argumentos teóricos e um quadro de definição operacional das categorias, que serve de referência para realização de pesquisas.

Os argumentos sobre o comprometimento e a confiança nas redes não são novos na produção acadêmica. Conforme Singer (1998) a emergência do campo de práticas e estudos sobre redes, principalmente a partir de 1990, é uma derivação econômica e de organização social inspirados nas experiências do cooperativismo. A necessidade de unir esforços para resolver problemas comuns está na origem da ação coletiva das redes. No entanto, conforme se verifica em busca bibliográfica realizada, a integração de variáveis unindo relacionamento e eficiência é raramente abordada.

Alguns exemplos encontrados são os trabalhos de Wegner e Padula (2012) e Keil e Monteiro (1982), conforme esses autores, um dos motivos das cooperativas analisadas não se desenvolverem é que elas perderam seu objetivo social coletivo ao se tornarem organizações predominantemente comerciais. Na dominância desse objetivo competitivo, os laços sociais tornam-se menos dominantes, podendo ocorrer comportamentos individualistas e oportunistas (Granovetter, 1985). Tais análises e exemplos sustentam a afirmativa sobre as bases sociais das redes de atores em ações cooperativistas.

O argumento da base social das diversas naturezas de redes (comerciais, cooperativas, de políticas públicas, de apoio social, entre outras) constitui uma perspectiva amplamente investigada e reconhecida no campo de redes, conforme se verifica na frequência de afirmativas de autores que seguem este ponto de vista (Granovetter, 1985; Gulati, 1998; Dimaggio & Powell, 1983; Jones, Hesterly & Borgatti, 1997; Provan, 2007).

Os trabalhos contemporâneos, no entanto, colocam seu foco em uma categoria específica, sendo raros os esforços de integração, conforme será detalhado no item de revisão bibliográfica.

Concluindo este item, o ensaio apresenta um modelo conceitual que afirma que as relações de confiança e comprometimento são bases de equilíbrio e desenvolvimento das redes de ações cooperativistas. Como objetivo secundário apresenta um desenho de pesquisa e indicadores que poderiam servir de referência para realização de pesquisas.

O artigo está estruturado da seguinte forma: Neste item introdutório apresentam-se os argumentos a favor do modelo, as justificativas dos esforços e informações iniciais sobre a produção acadêmica relativa às cooperativas. No item 2 apresenta-se um painel bibliográfico sobre redes e categorias sociais, concluindo pela raridade da conjunção aqui defendida. O item 3 apresenta as bases teóricas, com os conceitos de cooperativismo, redes, categorias sociais presentes nas redes e a proposta de desenho da pesquisa que se origina das afirmativas. O item 4 apresenta algumas considerações sobre o planejamento de uma pesquisa que siga a proposta do modelo e o item 5 apresenta os comentários finais, mostrando os benefícios do trabalho.

2. Painel bibliográfico sobre redes de ações cooperativas e as categorias sociais

Como primeiro passo na construção do painel realizou-se uma pesquisa bibliográfica nos portais Scielo e Capes buscando os artigos de 2011 a 2015 que versaram sobre redes de organizações em negócios cooperativistas, com valorização das categorias sociais de confiança e comprometimento.

A expressão cooperativa no Scielo gera 124 indicações para o período considerado; a expressão confiança gera 1032 e comprometimento 840 indicações. As dobradinhas cooperativas + confiança e cooperativas + comprometimento geram 3 e 2 indicações. A dobradinha confiança + comprometimento gera 13 indicações. Os dados estão resumidos na Tabela 1.

TABELA 1. As frequências das indicações de categorias presentes em artigos a partir do portal Scielo, considerando os últimos cinco anos.

Categorias	**Frequência**
(1) Cooperativas	124
(2) Confiança	1032
(3) Comprometimento	840
(1) e (2)	3
(1) e (3)	2
(2) e (3)	13

Fonte: Desenvolvida pelos autores, 2015.

A primeira constatação é que o tema de cooperativismo é pouco investigado e refletido, mesmo fora da temática de redes. Das 124 indicações, 39 são da área de Ciências Sociais Aplicadas e a leitura dos títulos e dos resumos dessas indicações mostra a predominância de artigos sobre gestão e eficiência financeira. Nenhum artigo está desenvolvido na perspectiva de redes. Das três indicações da dobradinha cooperativas + confiança, dois deles são sobre ações cooperadas. O terceiro artigo, de Landázury (2010) discute as interfaces entre capital social, confiança e desenvolvimento local. O autor, no entanto, utiliza teoria neo-institucional e não se refere a redes de negócios, mas a desenvolvimento individual.

Das duas indicações da dobradinha cooperativas + comprometimento, Serigati e Azevedo (2013) estudam empiricamente as formas de incrementar o comprometimento nas cooperativas. A outra indicação é um trabalho técnico sobre agricultura.

A conclusão é que o tema das bases sociais do cooperativismo, na perspectiva de redes, praticamente inexiste na literatura regional conforme o Scielo. Considerando o crescimento do interesse no tema de redes, o presente trabalho adquire certa relevância.
No portal Capes, considerando cinco anos, a expressão cooperativa gera 1936 indicações, confiança gera 4249 e comprometimento 3228. A palavra redes gera indicações da ordem de 19 mil. A dobradinha cooperativa + confiança gera 67 indicações de artigos. A análise dos títulos e dos resumos mostra um leque amplo de temas e áreas, incluindo técnicas de agricultura e problemas de saúde, nem sempre com a presença da confiança como categoria importante. Na verdade, não se encontrou nenhum artigo que investigasse a rede de ações cooperativas a partir da confiança. A dobradinha cooperativa + comprometimento gera indicações de 63 artigos, que são os mesmos presentes na dobradinha anterior. Colocando o filtro das expressões no título, a dobradinha cooperativa + confiança gera zero indicação e a dobradinha cooperativa + comprometimento gera duas indicações, ambas sobre comprometimento no trabalho e características da cooperativa em estudo. Os dados estão sintetizados na Tabela 2.

TABELA 2. As frequências das indicações das categorias presentes em artigos do portal Capes, considerando os últimos cinco anos.

Categorias	**Frequência**
(1) Cooperativas	1936
(2) Confiança	4249
(3) Comprometimento	3228
(1) e (2)	67

(1) e (3)	63

Fonte: Desenvolvida pelos autores, 2015.

A conclusão é que, apesar do ponto de partida contar com milhares de indicações, chegou-se praticamente a zero nos dois bancos de dados (Scielo e Capes). O modelo apresentado, portanto, carrega certo ineditismo quando se considera a literatura regional.

3. Bases teóricas

Considerando as expressões colocadas no título do artigo, coloca-se como tarefa deste item explicar os conceitos de cooperativismo, de redes na perspectiva social, de confiança, de comprometimento, de equilíbrio e de desenvolvimento; e uni-los num modelo lógico, coerente e operacional. Conforme Nohria e Ecles (1992) a década de 1990 foi promissora nos estudos sobre redes e grupos cooperativos e nesta revisão foi dada ênfase na produção teórica desse período.

3.1. Conceito de cooperativismo

Conforme Schneider (1999), Singer (2002) e Bocayuva (2003), o cooperativismo se origina como forma de organização dos trabalhadores na Inglaterra, no período da Revolução Industrial, com uma governança que nascia dentro do próprio grupo, num modelo de autogestão. O objetivo coletivo básico era a ajuda mútua, no pressuposto da união fazendo a força. Com as dificuldades econômicas das décadas seguintes, o modelo cooperado se difundiu e se especializou, surgindo cooperativas para fins específicos, como consumo, agricultura e crédito.

Como todo fato social emergente, surgiram análises e teorias sobre o cooperativismo, tais como as de antropólogos e sociólogos conforme citado por Malinowski (1978); Boas (2009); Radcliffe Brown (1980), investigando diversas culturas. Um ponto convergente dessas análises é que a essência das relações sociais ocorre pela dádiva, entendida como prática de dar, receber, trocar e presentear, caracterizando a reciprocidade descrita por Mauss (2003), distinta, portanto, do modelo de negócio tradicional.

A essência processual, ou de dinâmica do grupo está na associação de pessoas que desenvolvem laços fundados na ajuda mútua, na liberdade, na justiça e na solidariedade; buscando a solução de exigências econômicas e sociais. Uma cooperativa se caracteriza por ser uma instituição sem fins lucrativos e voltada à qualidade de vida e à dignidade humana. É importante que todos saiam ganhando; caso contrário, não se trata de cooperativismo.

Nessas afirmativas é possível notar semelhança e proximidade com os conceitos de redes, principalmente a existência de um objetivo coletivo, a consciência da necessidade de um trabalho conjunto e a presença de regras de controle do individualismo e incentivo do coletivismo.

Os vários trabalhos sobre sistemas cooperativos são convergentes em afirmar a presença dos seguintes fatores, qualquer que seja a natureza da cooperativa:

a) Uso da riqueza e dos recursos em benefício de todos;
b) Incentivo à solidariedade;
c) Respeito aos méritos e esforços individuais;
d) Combate ao egoísmo;
e) Sistema de autogestão, com os cooperados se revezando na liderança e representação do grupo.

Os termos remetem à ideia de compromisso, disposição de ação coletiva e confiança, expressões importantes da abordagem social de redes (Granovetter, 1985). O princípio é reafirmado por Singer (1998, 2002), ao assinalar que o cooperativismo é definido como um modo alternativo de produção e distribuição de riquezas, cujos princípios são a propriedade coletiva e o direito à liberdade individual. Conforme Caillé (2002), essa consciência do coletivo significa a existência de laços sociais que dirigem os esforços para a obtenção dos objetivos coletivos. Segundo se afirma no presente artigo, os laços sociais de confiança e comprometimento são os mais importantes nessa teia de relações que desenvolve a consciência do coletivo, a qual orienta e estimula as ações do grupo. Segundo Granovetter (1985); Gulati (1998); DiMaggio e Powell (1983), esta afirmativa é sustentada.

Um ponto de união entre o cooperativismo e redes foi descrito por Singer (1998). Segundo o autor, a partir da década de 1990 um novo conceito em economia e organização social aparece sob o título de redes de negócio, inspirado nas experiências do cooperativismo. A nova ética estaria baseada na autogestão e associativismo: Pessoas

e empresas se uniriam em favor de um empreendimento, ou objetivo coletivo aplicando noções de mútua cooperação, trabalho coletivo e organização horizontal, pois não haveria hierarquia entre os membros, todos igualmente responsáveis pela produção.

Estes argumentos sobre objetivo coletivo, função social do grupo, ações de cooperação e organização horizontal são aceitos e utilizados no presente trabalho e constituem parte dos conceitos definidores de redes.

3.2. Conceito de rede

Existem várias afirmativas sobre redes, sustentado em campos do conhecimento como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a Economia (Tichy, Tushman & Fombrun, 1979). Apesar da diversidade, encontram-se alguns pontos convergentes, sendo o primeiro a questão da interdependência. Conforme Rusbult e Van Lange (2003), interdependência significa que em uma relação entre duas, ou mais pessoas, cada uma tem uma parte dos elementos, ou recursos necessários para que determinada ação se realize, o que coloca os envolvidos numa situação de igual poder e obrigação. Se qualquer lado não fizer a sua parte, a ação final, ou produto final não se realiza. As partes estão inextricavelmente ligadas, interdependentes, Gulati e Gargiulo (1999) também relatam esta situação.

Segundo Rusbult e Van Lange (2003), a interdependência significa que o modo de produção e comercialização atual determina o desenvolvimento de ações coletivas, colocando a cooperação num plano superior ao da competição e a confiança como eixo organizador das ações.

Aliado a esse fator, tem-se a característica da complexidade de tarefas. Significa que no contexto atual de especialização de tarefas, incertezas sobre o ambiente organizacional e exigências legais e sociais cada vez mais fortes e diversas (como as questões ambientais e os direitos do consumidor); uma organização não consegue sozinha dar conta de todas as tarefas, surgindo a associação como solução da complexidade de tarefas.

Para que esses dois fatores se conjuguem e levem às ações, é necessário existir uma consciência da vantagem da atuação coletiva, que cria a disposição para trabalhar em conjunto. Como um dos valores predominantes da ética empresarial é o modelo da competição isolada, não é muito fácil para empresários mudarem o seu modo de ver e

agir nos negócios. Gerentes que lidam com formação de redes afirmam que um primeiro grande obstáculo é criar a consciência da ação coletiva. Afirmam também que relações sociais no grupo em desenvolvimento (num treinamento, ou consultoria, por exemplo) facilitam a mudança da visão de mundo.

O presente artigo aceita e utiliza as afirmativas de interdependência, complexidade de tarefas e consciência de ação coletiva como condições para o nascimento e desenvolvimento das redes.

As afirmativas sobre cooperativismo e sobre redes convergem no sentido de indicarem a presença de uma teia de relações sociais que define a identidade do grupo e dos atores; facilitam a sinergia de esforços na direção do objetivo coletivo e contribuem para o desenvolvimento da consciência sobre a complexidade do ambiente organizacional contemporâneo, no sentido da existência de incertezas e necessidade de troca de especializações; para que a atitude de cooperação seja dominante.

Para Giglio, Kwasnicka (2005); Begnis, Pedrozo e Estivalete (2008), dessa matriz comum de inteligibilidade das redes, surgem dois grandes paradigmas sobre sua estrutura e dinâmica:

a) A abordagem racional e econômica, com seu princípio que as redes são respostas estratégicas para a solução de dependência de recursos das organizações e esforços para solução de custos (Williamson, 1981 & Gulati, 1998). Existem benefícios nas trocas mútuas e a rede permanece enquanto os benefícios também existirem;
b) A abordagem social, com seu princípio da indissociabilidade entre as relações sociais e as decisões comerciais e técnicas dos agentes (Granovetter, 1973, 1985 & Uzzi, 1997). Significa que numa rede de negócios e numa rede de cooperação técnica existe uma teia de relações sociais que é como um pano de fundo que orienta e dá sentido às ações e decisões dos atores.

Através do trabalho de revisão bibliográfica crítica, buscando os autores mais citados que definiram os princípios das redes na perspectiva social, construiu-se o Quadro 1.

QUADRO 1. Os princípios explicativos sobre redes na perspectiva social.

Categoria	Paradigma Social-Técnico
Afirmativa básica sobre redes	A rede se forma e se desenvolve a partir de relações sociais; cada ator está imerso e comprometido na rede.
Exemplos de teorias e autores mais referenciados	Dinâmica de pequenos grupos (Golembiewski, 1962). Teoria da Comunicação (Bitti & Zani,1993). Embeddedness (Polanyi, Arensberg, Pearson, 1957 & Granovetter, 1985) Modelo de Governança (Jones *et al*., 1997)
Objeto de estudo mais frequente	As relações sociais na rede.
Objetivos de pesquisa mais frequentes	Verificar como temas sociais específicos, como confiança, afetam a estrutura e dinâmica das redes.
Metodologia de Pesquisa dominante	Interpretativa, fenomenológica buscando relações entre variáveis e entre estrutura e dinâmica.
Tipo de Pesquisa dominante	Quantitativa com testes de correlações. Qualitativa descritiva e interpretativa.
Linha geral da discussão nas conclusões	Discutir e defender a importância dos temas sociais, como comprometimento, nas relações comerciais, nos processos e resultados das redes.

Fonte: Os autores, 2015.

Em trabalho de revisão bibliográfica Puffal e Puffal (2014), encontraram que a perspectiva social de redes é a que mais tem se desenvolvido como teoria no estudo de redes. É um campo emergente com várias questões em aberto, incluindo modelos integradores, como o que se apresenta neste ensaio.

3.3. Conceitos das categorias confiança, comprometimento, equilíbrio e desenvolvimento

As expressões confiança e comprometimento são constructos, no sentido de existirem muitas definições, conforme o campo de origem científica. Na Psicologia, por exemplo, a confiança é um traço da personalidade, ao passo que na Sociologia é uma forma de relacionamento. Modelos racionalistas definem a confiança a partir do cálculo dos benefícios futuros. Mesmo dentro de uma área científica específica, como uma abordagem relacional, encontram-se muitas definições de confiança, com um leque se distribui entre definições que valorizam as relações do passado e as que valorizam o contexto do presente. Neste artigo seguimos a definição de Lourenzani, Silva e Azevedo (2006), sobre confiança ser uma situação de relacionamento em que uma pessoa se coloca na dependência de outra, seja por explicitar uma fraqueza que necessita da ajuda do outro; seja por dispor seus recursos para uso coletivo, sem necessidade de proteção especial.

O comprometimento em abordagens econômicas significa cumprir os acordos, ao passo que em Sociologia e Antropologia significa o agir em conjunto (com + prometido). A

expressão comprometimento tem menor variedade de definições, havendo uma convergência sobre ser à disposição do sujeito para o trabalho coletivo. No presente artigo seguimos a definição de Anderson e Weitz (1992), sobre o comprometimento ser a situação de relacionamento em que uma pessoa não se aproveita da dependência do outro para tirar vantagem própria e coloca seus esforços a serviço dos objetivos coletivos. Nesta definição, o comprometimento é a contrapartida (e reciprocidade) da confiança.

O equilíbrio significa a existência de uma ordem a partir de regras explícitas e implícitas, isto é, a governança formal e informal mescladas. A presença exclusiva, ou muito forte de apenas uma delas pode criar uma situação de comprometimento apenas por obrigação (no caso de forte governança formal), criando predisposição para oportunismo; ou uma situação de conforto e comodismo (no caso de forte governança informal), também criando predisposição para o oportunismo.

Para os propósitos deste ensaio valoriza-se a presença de sinais de governança formal e informal mescladas, como sustentação e equilíbrio da rede. Conforme Jones, Hesterly, Borgatti (1997), as manifestações da governança informal são os sinais de inclusão e exclusão do grupo, restrições de acesso, valores criados no grupo, sanções coletivas e reputação. Foram criados indicadores seguindo essa classificação.

O desenvolvimento significa a solução de conflitos e sinais de sinergia de esforços. Conforme Gonçalves (1990), o desenvolvimento de uma rede relaciona-se com a legitimidade (os atores reconhecem a rede como seu ponto de referência para suas ações); processos eficientes (os problemas de produção estão equacionados); e solução dos conflitos originados pelas assimetrias de recursos, interesses e objetivos.

As assimetrias podem ser de natureza diversa (de interesses, de capacidades, de rede de ligações, de tempo no grupo, de jogos de poder, entre outros), criando uma tensão entre as partes assimétricas. Essa tensão precisa ser resolvida, já que pode evoluir para um conflito de interesses e fortalecimento de comportamentos oportunistas. Desenvolvimento, portanto, significa o processo (o como) e o resultado (o fim) das tensões causadas pelas assimetrias.

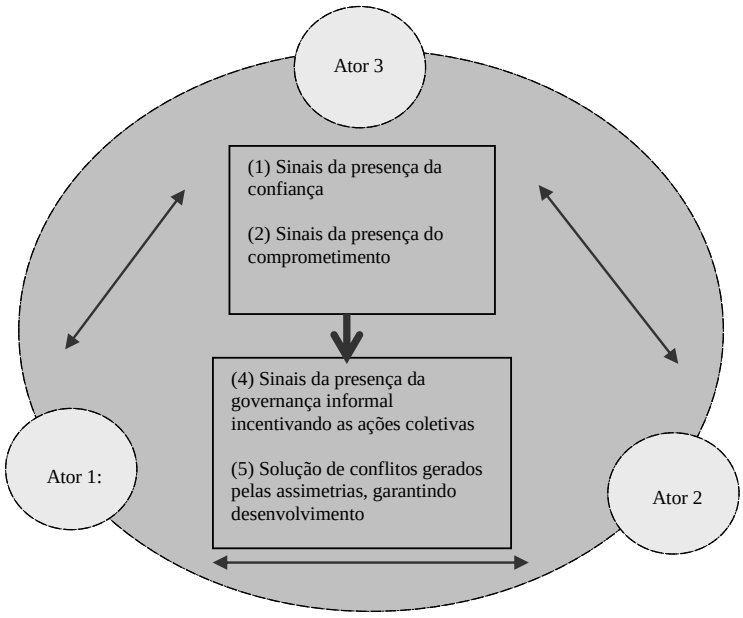
A partir dessas definições foram construídos os indicadores apresentados adiante.

3.4. A afirmativa orientadora e o desenho da pesquisa

Aceita-se que as ações fundadas no cooperativismo carregam a dupla tarefa, ou característica de um objetivo social e uma governança capaz de tornar a produção competitiva e sustentável no tempo. Dessa dupla característica criou-se a afirmativa orientadora, sobre a presença da confiança e do comprometimento serem as bases do equilíbrio da rede e seu motor de desenvolvimento.

Apesar dos autores da base teórica afirmarem relações sistêmicas, o desenho de pesquisa construído privilegia o sentido das relações sociais para os processos da rede. A representação gráfica é apresentada na Figura 1. Os três atores representam a unidade estrutural mínima de análise, seguindo preceitos de Simmel (1950); Burt (1976) e Krackhardt (1996), a tríade constitui um avanço na unidade frequentemente encontrada nos artigos sobre redes, que é a díade. Ocorre que a díade, a relação entre dois atores, pode se desenvolver a ponto de não constituir uma relação cooperada, mas de hierarquia, com em alguns casos de relação entre o fornecedor e a empresa. Já a tríade possibilita investigar a sinergia dos três atores; a formação de subgrupos (dois contra um) e os jogos de poder.

FIGURA 1. O desenho da pesquisa sobre confiança e comprometimento como bases de equilíbrio e desenvolvimento das redes.



Fonte: Construção dos autores, 2015.

A partir do desenho da pesquisa e buscando oferecer facilidades na realização de investigações, foi desenvolvido o Quadro 2, com o conceito operacional e alguns indicadores das categorias. O conceito dominante que aparece na segunda coluna surgiu da análise das afirmativas dos autores frequentemente citados. O conteúdo a ser observado foi construído a partir da inferência do objeto de investigação de pesquisas sobre aquele tema e conclusões dos próprios autores. Os indicadores são construções dos autores, já que eles não foram encontrados na literatura nacional.

QUADRO 2. Os indicadores das categorias de confiança e comprometimento como bases de equilíbrio e desenvolvimento das redes.

Categoria	**Conceito Dominante**	**Conteúdo a ser observado**	**Alguns Indicadores**
A. Sinais de Comprometimento	Colocar-se à disposição para ações coletivas; não tirar proveito da dependência dos outros.	Atitudes e ações para atingir objetivos coletivos, ou ajudar outro ator, mesmo que pouco, ou nada se ganhe.	A1. Participar regularmente de reuniões e decisões. A2. Ajudar o outro, mesmo sem benefício próprio imediato. A3. Assumir responsabilidades de ações conjuntas. A4. Comportamentos que evidenciam a disposição para continuidade dos relacionamentos.
B. Sinais de Confiança	Colocar-se na dependência do outro.	Atitudes e ações nas quais o sujeito se expõe ao coletivo, ou fica na dependência do outro, ou dispõe seus recursos sem recorrer a mecanismos formais de controle.	B1. Expor suas fraquezas e dependências aos outros. B2. Dispor seus recursos, de qualquer natureza, para serem usados por outros, sem necessidade de salvaguardas. B3. Comportamentos que indicam que o ator segue as regras e metas estabelecidas na rede. B4. Comportamentos e atitudes que mostram que os atores confiam na integridade das pessoas que fazem parte da rede.
C. Desenvolvimento a partir da solução de conflitos	Os processos e decisões dos atores ocorrem sem desgastes e conflitos, a partir da base relacional.	Diferenças e conflitos de qualquer natureza são discutidos e resolvidos a partir de alguns eixos.	C1. Existência de diferenças de capacidades e de recursos que criam conflitos entre os atores. C2. Os conflitos são resolvidos a partir da confiança. C3. Os conflitos são resolvidos a partir do comprometimento. C4. A rede é percebida como organização de fato pelos atores, orientando seu comportamento.

			C5. Os processos de produção estão resolvidos.
D. Equilíbrio a partir de uma governança estabelecida	O comportamento dos atores é voltado para ações coletivas e os oportunismos estão controlados.	Existem regras para incentivar a ação coletiva e para se obter os resultados.	D1. Regras sobre admissão e exclusão de atores no grupo. D2. Regras sobre hierarquia, liderança e funcionamento. D3. Existência de objetivos coletivos. D4. Existência de controles e indicadores de resultados. D5. Para quem participa pouco não se dá toda informação. D6. Com o passar do tempo surgiram rituais e crenças próprias do grupo. D7. Existem líderes que são exemplos de comportamento.

Fonte: Adaptado de Bertoli (2015).

4. Proposta de plano metodológico

O desenho do modelo e o quadro com os indicadores possibilitam o planejamento e a realização de pesquisas. Os autores estão realizando testes dos indicadores e os resultados iniciais indicam operacionalidade e capacidade das afirmativas em coletar dados importantes. O trabalho ainda é incipiente e nos parágrafos seguintes são descritas algumas sugestões para pesquisadores interessados no tema.

Sugere-se aos investigadores que utilizem uma metodologia exploratória, já que são raros os estudos que utilizam duas categorias sociais como base das redes e associadas com duas categorias de processos.

Tratando-se de variáveis qualitativas que não se expressam de forma métrica, a pesquisa se caracteriza por ser qualitativa. Na coleta de dados na forma de entrevista pode-se utilizar a coluna do conteúdo a ser observado, no Quadro 2, para a construção das perguntas orientadoras. No caso de um roteiro estruturado, as perguntas podem utilizar as frases dos indicadores.

Para a construção de um questionário (que está sendo testado pelos autores), sugere-se o uso de escalas de concordância de Likert, com frases afirmativas a partir dos indicadores do Quadro 2.

Um exemplo de conteúdo e forma do questionário é apresentado a seguir.

Categoria Comprometimento. Indicador A2.

A2. Eu procuro sempre ajudar os outros no que eles precisam, mesmo que eu não ganhe nada com isso.

A	B	C	D	E
concordo fortemente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo fortemente

Testes dos indicadores estão sendo realizados pelos autores, a partir de uma rede cooperativista de pequenos agricultores da região de Parelheiros, em São Paulo. O caso foi selecionado porque uma prospecção inicial do grupo mostrou que existem objetivos sociais coletivos, como a busca de legitimação do grupo; junto com objetivos comerciais, como o esforço de criar uma gestão profissional da cooperativa.

5. Comentários finais

O objetivo deste ensaio foi apresentar um modelo conceitual que coloca as categorias de relacionamento confiança e comprometimento como as bases de equilíbrio e desenvolvimento das redes de ações cooperativistas, a partir de argumentos teóricos da abordagem social de redes segundo Granovetter (1985) e da sociedade em rede segundo Castells (1999), apesar de se encontrarem repetidas afirmativas sobre a importância das relações sociais nas redes, no presente estudo não foram identificados modelos que integram as categorias, encontrando-se a dominância de análises isoladas.

Um benefício teórico do ensaio que pode ser ressaltado é apresentar um modelo que integra quatro categorias, sendo duas de natureza relacional - a confiança e o comprometimento, que constituem a base de referência para outras duas, de natureza processual- o equilíbrio e o desenvolvimento das redes.

O segundo benefício teórico é valorizar e defender a aproximação entre princípios cooperativistas e princípios de redes. De acordo com Singer (1998), os dois fenômenos são caracterizados pelos mesmos princípios de interdependência, objetivos sociais coletivos, base na confiança e cooperação. A presença dessas categorias num grupo cria uma teia relacional que orienta e influencia os processos de produção específicos do grupo. Segundo Singer (1998) esta segunda parte, mais processual e de resultados, é colocada como importante em vários estudos, ou mesmo como a única, o que constitui uma miopia sobre a dinâmica dos grupos.

O argumento da base social das redes, especialmente as de negócios, é uma alternativa à abordagem mais racional e econômica. Nesta última linha, as relações sociais são colocadas como consequências das relações comerciais. No modelo aqui apresentado, as bases sociais são colocadas como principais.

O primeiro benefício metodológico do ensaio é apresentar um desenho de interfaces entre as quatro categorias, com a indicação do sentido de influência. Com o desenho é possível planejar uma pesquisa tendo o objeto de investigação claramente definido, que é o relacionamento entre os atores, isto é, os conteúdos de confiança, comprometimento, as decisões coletivas para solução de conflitos e a construção de regras de funcionamento do grupo.

O segundo benefício metodológico, esse orientado para a operacionalização de pesquisas, é a apresentação de indicadores das manifestações das quatro categorias. A investigação bibliográfica da produção brasileira mostrou que não existem indicadores descritos para as categorias sociais e de processos selecionadas. Atualmente os autores e outros colegas de um grupo de pesquisadores estão testando a capacidade dos indicadores, em negócios de cooperativas e de mercado solidário, e os sinais iniciais são de sustentação do conteúdo dos indicadores.

O campo de estudos das cooperativas mostra-se como exemplar para a discussão do tema. Ocorre que as organizações envolvidas em ações cooperadas perseguem dois objetivos distintos: o objetivo social, por exemplo, em cooperativas de catadores de recicláveis, buscando uma legitimação e qualidade de vida conforme cita Cruz (2007); e o objetivo de continuar no mercado, com processos eficientes e resultados (Gamba, 2014). Tal situação distingue-se do campo específico das redes de negócios e também do campo das redes sociais. É uma mescla necessária de ambas, o que originou os esforços dos autores em apresentar o modelo fundado em relações sociais, sem esquecer os pontos de organização e eficiência no alcance de objetivos de produção.

Embora o modelo sugira uma relação de causalidade do social para o processual, os autores aceitam a afirmativa de ligações sistêmicas, isto é, os processos também alteram as relações sociais. A suposição é que deve existir uma concomitância. Se as relações sociais não originam processos mais eficientes; ou se os processos se repetem sem refletirem no avanço de relações sociais; afirma-se que a rede não evolui; não se equilibra (no sentido de solução de conflitos) e, por consequência, pode ter sua sobrevivência comprometida no mercado.

Em termos de desenho de pesquisa, significa que está aberta a possibilidade de um pesquisador afirmar relações sistêmicas e realizar uma pesquisa com análise de equações estruturais, buscando o sentido mais forte das relações.

Esse é o objetivo acadêmico do ensaio. Abrir um campo de discussão a partir da proposta de um modelo valorizando as relações sociais.

Referências

Anderson, E. & Weitz, B. (1992). The use of pledges to build and sustain commitment in distribution channels. *Journal of Marketing Research,* 29(1), 18-34.

Begnis, H., Pedrozo, E. & Estivalete, V. (2008). Cooperação como estratégia segundo diferentes perspectivas teóricas. *Revista de Ciências da Administração*, 10(21), 97-121.

Bertoli, N. (2015). *A confiança e o comprometimento como eixos organizadores dos estados de redes: proposta conceitual e estudo de casos do agronegócio do norte do Paraná.* Dissertação (Mestrado). Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, SP, Brasil.

Bitti, P. & Zani, B. (1993). *A Comunicação como Processo Social.* Lisboa: Editorial Estampa. 2ª ed., 237p.

Boas, F. (2009). *As limitações do método comparativo da antropologia.* In *: Antropologia Cultural.* Rio de Janeiro : Ed. Jorge Zahar, 25-40.

Bocayuva, P. C. (2003). Transição, revolução social socialista e a economia solidária. *Revista Proposta: economia solidária e autogestão.* Ano 30. n. 97, p.20-32, jun./ago.

Burt, R. (1976). Positions in networks. (1976). *Social Forces.* 55(1), 93-122.

Caillé, A. (2002). Dádiva e associação. In: Martins, P. (org.). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social.* (PP. 204-314), Petrópolis: Ed. Vozes.

Castells, M. (1999). *A sociedade em rede.* São Paulo: Paz e Terra, v.1.

Cruz, J. (2007). *Governança de Redes, cooperação e desenvolvimento: Estudo de caso em uma rede de associações de coletores de material reciclável.* Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Dimaggio, P. & Powell, W. (1983). The iron cage revisited: Institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. *American Sociological Review.* 48(2), 147-160.

Gamba, J.R. (2014). *Os estados de organização de redes de negócios: discussão e exemplos das redes nas quais estão presents as cooperativas habitacionais de São Paulo.* Dissertação (Mestrado). Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, SP, Brasil.

Giglio, E. & Kwasnicka, E. (2005). O lugar do consumidor nos textos sobre rede. In: *Encontro ENANPAD*, 29, 2006, Brasília, DF. Anais... Brasília, DF: ANPAD.

Golembiewski, R. (1962). *The Small Group: An Analysis of Research Concepts and Operations.* Chicago: Univ. Chicago Press.

Gonçalves, J. (1990). *A carreira dos professores do ensino primário. Contributo para a sua caracterização.* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal.

Granovetter, M. (1973). The strength of weak ties. *The American Journal of Sociology*, 78(6), 1360-1380.

_____. (1985). Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. *The American Journal of Sociology*, 91(3), 481-510.

Gulati, R. Alliances and networks. (1998). *Strategic Management Journal*, 19(4), 293-317.

Gulati, R. & Gargiulo, M. (1999). Where do Interorganizational Networks Come From? *The American Journal of Sociology*, 104(5), 1439-1493.

Jones, C., Hesterly, W.S. & Borgatti, S.P. (1997). A general theory of network governance: exchange conditions and social mechanisms. *Academy of Management Review*, 22(4), 911-945.

Keil, I. & Monteiro, S. (1982). *Os pioneiros de Rochdale e as distorções do cooperativismo na América Latina.* São Leopoldo. Disponível em: http://www.cootrade.com.br/pioneirosrochdale.pdf Acessado em 27 de novembro de 2014.

Krackhardt, D. (1996). Social Networks and the liability of newness for managers. *Trends in Organizational Behavior*, 3, 159-173.

Landázury, R. (2010). Las paradojas de la acción colectiva, la confianza y el desarrollo: algunos elementos para comprender los desquilibrios regionales. *Revista Pensamiento y Gestión*, Universidad del Norte, 29, 124-162.

Lourenzany. A., Silva, A. & Azevedo, P. (2006). O Papel da Confiança na Construção de Ações Coletivas: um estudo em Redes de suprimentos de alimentos. In**:** *Encontro ENANPAD*, 30, 2006, Salvador, BA. Anais... Salvador, BA: ANPAD.

Mance, E. (2001). *A revolução das redes: a colaboração solidária como alternativa pós capitalista à globalização atual.* Petrópolis, RJ: Vozes.

Malinowski, B. (1978). *Os argonautas do Pacífico ocidental*. São Paulo: Ed. Abril Cultural.

Mauss, M. (2003). *Sociologia e Antropologia.* São Paulo, Ed. Cosac & Naify.

Nohria, N. & Eccles, R. (1992). *Networks and organizations*. Boston: Harvard Business School Press.

Polanyi, K., Arensberg, C. & Pearson, H. (1957). *Trade and Market in the Early Empires.* New York: Free Press.

Provan, K. & Sydow, J. (2007). Interorganizational Networks at the Network Level: A Review of the Empirical Literature on Whole Networks. *Journal of Management,* 33(3), 479-516.

Puffal, D. & Puffal, C. (2014). A evolução do campo de estudos de redes interorganizacionais: uma análise de publicações internacionais das relações entre empresas. *Revista Brasileira de Gestão e Inovação – Brazilian Journal of Management & Innovation,* v.1, n.3, Maio/Agosto.

Radcliffe-Brown, A. (1980). O método comparativo em Antropologia Social In: Zaluar, A. (org.). *Desvendando máscaras sociais.* Rio de janeiro*:* Ed. Francisco Alves, p. 195-210.

Rusbult, C. & Van Lange, P. (2003). Interdependence, interaction, and relationships. *Annual Review of Pychology,* 54(1), 351-375.

Schneider, S. (1999). *Agricultura familiar e Industrialização. Pluriatividade e Descentralização Industrial no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, Editora da UFRGS.

Serigati, F. & Azevedo, P. (2013). Comprometimento, características da cooperativa e desempenho financeiro: uma análise em painel com as cooperativas agrícolas paulistas. *Revista de Administração da USP,* 48(2), 222-238.

Simmel, G**.** (1950). *The Sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press.

Singer, P. (1998). *Globalização e desemprego: Diagnóstico e alternativas.* São Paulo: Contexto.

_____ . (2002). *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Tichy, N., Tushman, M. & Fombrun, C. (1979) Social Network Analysis for Organizations. *Academy of Management Journal*, 4(4), 507-519.

Uzzi, B. (1997). Social Structure and competition in interfirm networks: the paradox of embeddedness. *Administrative Science Quarterly*, 42(1), 35-67.

Wegner, D. & Padula, A. (2012). Quando a cooperação falha: Um estudo de caso sobre o fracasso de uma rede interorganizacional. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 13(1), 145-171.

Williamson, O. (1981). The Economics of Organization: The Transaction Cost Approach. *American Journal of Sociology*, 87(3), 548-577.